

A HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA NO DISCURSO DO PSICÓTICO*

Emmanuel Filhol**

Resumo

Este artigo discute o estatuto particular da heterogeneidade enunciativa no discurso psicótico. Parte-se do pressuposto de que, na fala do psicótico e, por extensão, na de todo sujeito falante, nunca se sabe ao certo quem é o autor da enunciação. Focalizando um caso inusitado de registro da expressão “fim de citação” ao final de todas as narrativas orais de um menino de 12 anos, o trabalho busca delinear certas modalidades específicas de desdobramento do sujeito da enunciação, bem como o modo complexo pelo qual se manifesta a presença do o(O)utro no discurso psicótico.

No início de seu Seminário intitulado “D’un discours qui ne serait pas du semblant”, Jacques Lacan evoca, a partir de um enfoque enunciativo concebido como efeito da *Lalangue* - retomo o termo forjado pela teoria lacaniana -, o que se passa com os embates do sujeito frente ao verdadeiro e ao real:

São histórias de território. Se o significante, seu braço direito, vai para o território de seu vizinho fazer a colheita - são histórias que acontecem o tempo todo - nesse momento seu vizinho pega seu significante braço direito, e você o balança por sobre a coisa mitoêmica... a pequena parábola, o braço direito que te remeteu de um território a outro, não é necessariamente o seu braço direito que volta, porque os significantes, não é individual: não se sabe o que é de quem¹.

* Texto apresentado no Seminário “Langue, Discours, Sujet”, em 18 de maio de 1996, dirigido por Jacqueline Authier-Revuz, Professora de Linguística na Universidade Paris III, Sorbonne nouvelle.

** Mestre de Conferência, Universidade de Bordeaux, França.

¹ *C’est des histoires de territoire. Si le signifiant, votre bras droit, va dans le territoire de votre voisin faire la cueillette - ce sont des histoires qui arrivent tout le temps - à ce moment votre voisin saisit votre signifiant bras droit, et vous le rebalance par dessus la chose mitoyenne... la petite parabole, le bras droit qui vous est re-envoyée d’un territoire à l’autre, c’est pas forcé que ce soit votre bras droit qui vous revienne, parce que les signifiants, ce n’est pas individuel: on ne sait pas lequel est à qui”. Lacan, Séminaire 1970-1971. “D’un discours qui ne serait pas du semblant”, texto datilografado, Paris, 1981, p.11. Tradução livre.*

Ambigüidade, incerteza das fronteiras, heterogeneidade constitutiva do discurso, ou ainda, inscrevendo-se de outro modo nesse espaço das não-coincidências do dizer, as figuras da impropriedade profunda da linguagem, a qual testemunham, em particular, a polissemia e a equivocidade homofônica que afetam o trabalho das discordâncias do sentido: muitas operações estruturais em que se impõe a necessidade de pensar o sujeito como determinado pela lei do inconsciente² e do interdiscurso³.

O que regula, conseqüentemente, o funcionamento interno de campos discursivos diversos (registro da fala corrente, campo midiático, teórico, literário, etc.), opera também no interior da produção enunciativa do psicótico. Isso porque a linguagem da loucura não pode, de nenhum modo, ser reduzida a um discurso “incoerente”, “ininteligível”; não é possível, a não ser sob a perspectiva de uma concepção mítica e idealista do sujeito, fundada sobre a crença em uma pretensa transparência da linguagem: o sujeito, o da psicologia, ou da verossimilhança social, causa e dono de seu dizer. O discurso que enuncia a loucura designa sobretudo a posição singular - singularidade sofredora, em impasse, em crise de não identidade - de um sujeito falante, com todos os dilemas cruciais que isso revela. Convém aliás lembrar, de passagem, a proposição formulada por Lacan na introdução ao seu comentário do esquema L: “A condição do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenvolve no Outro O. O que se desenvolve ali é articulado como um discurso (o inconsciente é o discurso do outro)”⁴.

Para tentar circunscrever certas modalidades específicas em torno das quais se desdobra o sujeito da enunciação do discurso psicótico, queremos examinar aqui a questão complexa que levanta a presença do o(O)utro, tal como ela se manifesta no seio mesmo da fala de uma criança.

Um dos problemas maiores com o qual se confronta o psicótico reside na dificuldade em poder durativamente imprimir o sinal de uma fala pessoal, que ele marcaria com o selo inviolável de sua identidade. Toda fala de psicótico - mas também por extensão todo

² Cf., entre outros, E. Filhol, “L’analyse freudienne des formations de l’inconscient: une logique du signifiant”, *Travaux de Linguistique* 28, 1994, p. 133-149.

³ Sobre a noção de interdiscurso e sua relação com as formas de não-co incidência do dizer, ver os trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz: em particular, “Hétérogénéité(s) énonciative(s)”, *Langages* 73, março 1984, p. 98-111; *Ces mots qui ne vont pas de soi*, Paris, Larousse, 1994, 2 tomos.

⁴ Lacan, “Du traitement possible de la psychose”, 1959, in *Écrits*, Paris, Ed. Seuil, 1966, p. 549: destaque meu.

discurso de um sujeito falante - permanece submetida a uma incerteza fundamental quanto a quem seria o autor dela. Através de sua linguagem, a questão se põe efetivamente de saber quem fala e em nome de quem.

O estatuto particular que reveste o registro da citação na fala de Frédéric (12 anos) sublinha bem essa incerteza.

Numerosas narrativas desta criança terminam frequentemente pela expressão “fim de citação”. Esta fórmula, por causa de seu retorno insistente, não pode ser considerada como um dado simplesmente contingente. Não é um traço anedótico, mas um traço de estrutura que resume sem dúvida, de modo condensado, o essencial do conflito no qual se debate Frédéric. Ali mesmo onde se enuncia toda economia de sua relação com o pai.

Nessa ocorrência de “fim de citação”, as cartas estão embaralhadas. Com efeito, nada permite poder claramente distinguir a voz daquele que cita da daquele que é citado, pois seu enunciador utiliza essa expressão não para designar o discurso de outro do qual ele se delimita, mas para se reportar diretamente a seu próprio discurso, como se o Eu do enunciador fosse atravessado pelo discurso do Outro e se sustentasse sobre o modo do Outro. Por conseqüência, com a impossibilidade de fixar uma fronteira estável que delimite o espaço do Eu e a esfera do Outro. Também nada impede de excluir, nessa proximidade perigosa da voz do citador e da que é citada, que anula os esforços para a existência de um distanciamento da fala do outro, aquele que as fala, que o narrador psicótico seja despossuído de sua própria fala e não saiba mais qual dessas duas vozes é verdadeiramente a sua.

Tal nos parece ser a alteração radical que inscreve, no interior da linguagem de Frédéric, o registro singular deste “fim de citação”. Mas é igualmente, e sobretudo, como o veremos, no seio de sua produção narrativa, embora as narrativas desta criança traduzam, elas próprias, um dispositivo citacional aparentemente embaralhado, que opera o princípio desta alteração.

Narrativas de Frédéric

“Vous voulez me pousser et je tombe dans le puits... quand je partirai vous pleurerez tous... juge vérité... moi je suis pas fou. Mon père n'est pas

“Vocês querem me empurrar e eu caio no poço... quando eu partir, vocês todos chorarão... julgo verdade... eu não sou louco. Meu pai não bate bem da cabeça. Jogar o jogo, dizer a verdade, a verdade

siphonné de la tête. Jouer le jeu, dire la vérité, la vérité des autres. J'ai eu des ennuis avec ma famille. Mon père ne veut pas en parler... Monsieur S. (nom de son thérapeute) il rigole, il mène en bateau, il joue la combine. ici c'est le bordel. Ça tourne pas rond. Je les regarde ceux qui ont l'araignée qui travaille... faites vite pour m'aider. Je suis un Druhaut. Moi je suis en bas du poulailler. Il faut m'aider à montrer. Fin de citation."

"Si je tombe dans un mauvais chemin sans issue alors je suis perdu. Si je demande à quelqu'un alors je me perds pas. Il y a des choses que je comprends pas. C'est dur dans la tête! Par exemple si un monsieur, un étranger, me dit, "ici c'est M. (nom de lieu)?"", je pourrai pas transmettre l'étranger. Alors il faudra que mon père me chasse, il faudrait qu'il sache l'étranger... Je me pose des questions sur certains mots. Par exemple si un étranger, un Allemand, un Belge, un Autricheien vient, je ne sais pas comment lui expliquer, je ne sais pas la langue autricheienne. Si on me demande: où c'est ça? c'est l'avenue de l'Europe? moi je veux aller à l'avenue de l'aéroport! Je lui explique tout ou alors il prend la carte de

dos outros. Tive problemas com minha família. Meu pai não quer falar disso. Senhor S (nome de seu terapeuta), ele se diverte, ele vai levando, ele faz o jogo. Aqui é o bordel. Não gira redondo. Eu os vejo, os que têm a aranha que trabalha... faça depressa para me ajudar. Eu sou um Druhaut. Eu estou debaixo do galinheiro. É preciso me ajudar a subir. Fim de citação."

"Se eu caio em um caminho errado, sem saída, então eu estou perdido. Se eu pergunto a alguém, então eu não me perco. Há coisas que eu não compreendo. É pesado na cabeça! Por exemplo se um homem, um estrangeiro, me diz, "aqui é M. (nome de lugar)?"", eu não poderei transmitir o estrangeiro. Então será preciso que meu pai me mande embora, é preciso que ele saiba o estrangeiro... Eu me pergunto sobre certas palavras. Por exemplo se um estrangeiro, um alemão, um belga, um austríaco vem, eu não sei como lhe explicar, eu não sei a língua austríaca. Se me perguntam: onde é isto? É a avenida da Europa? Eu quero ir à avenida do aeroporto! Eu lhe explico tudo, ou então ele pega o mapa da França e olha para onde isto se dirige... a mim, isto me incomoda. Eu não gosto

France et eil regarde où ça se dirige... moi ça me cracasse. J'aime pas qu'on me demande toutes ces questions sinon ils vont chercher de b à z, de très loin... moi je sais l'endroit où je me dirige. En tout cas je parte bien, mais quand même il faut pas dépasser les limites, il faut être sérieux dans la vie, sinon on l'enferme celui qui est dans le cirage, qui est pas bien composé. Il est un peu dans la lune. Devant eux il vaut pas mieux leur dire, ils s'exciteraient, ça tournerait au vinaigre. Quand il se bat contre quelqu'un, l'ennemi se défend. Un ennemi se défend pour son pays, son peuple, son bonheur! Quand l'homme, un homme, pas un extra-terrestre, excusez-moi si vous coupe."

que me façam todas essas perguntas, senão eles vão procurar de b a z, de muito longe... eu não sei o lugar para onde me dirigo. Em todo caso, eu falo l'interruption... fim de citation bem, mas mesmo assim é preciso não ultrapassar os limites, é preciso ser sério na vida, senão a gente tranca aquele que não está vendo nada, que não está bem composto. Ele está um pouco na lua. Diante deles, é melhor não lhes dizer, eles se excitariam, isto ficaria ruim. Quando ele se bate contra alguém, o inimigo se defende. Um inimigo se defende por seu país, seu povo, sua honra! Quando o homem, um homem, não um extra-terrestre, desculpem-me se lhes corto a interrupção... fim de citação."

Emaranhado de vozes

A instância do discurso como produto do interdiscurso, ou antes traço do interdiscurso no próprio intradiscurso. Em Frédéric, o próprio desta formação discursiva, que subentende o funcionamento de toda fala, está ligado à coexistência constante de dois elementos, o pólo de um citador e aquele do ou dos alocutários citados, tendo isto de particular: os dois pólos estão inextrincavelmente ligados, e se considera muito difícil poder identificá-los claramente.

Seu discurso é tecido de proposições emanando de um sujeito enunciador e de proposições remetendo a um alocutário, sem que se saiba exatamente quem se responsabiliza pelos dois tipos de enunciado. Isto é o que aparece através da brusca passagem e da ruptura dos planos de enunciação ao nível das marcas da pessoa da ancoragem enunciativa. Passa-se diretamente de frases no presente e na primeira pessoa a enunciados no presente e na terceira pessoa

“Eu falo bem, mas é preciso ser sério... senão a gente o tranca... diante deles é melhor não lhes dizer, eles se excitariam” [“Je parle bien, mais il faut être sérieux... sinon on l’enferme... devant eux il vaut pas mieux leur dire, ils s’exciteraient”],

como se a voz do narrador se misturasse a de um outro interlocutor. Nessa heterogeneidade de diferentes níveis de enunciação, como reconhecer a identidade dos locutores? Se o *je* [eu] designa o locutor identificável ao enunciador da narrativa, ou seja, Frédéric

“... eu caio no poço. Eu não sou louco. Eu tive problemas com minha família.” [... je tombe dans le puits. Moi je suis pas fou. J’ai eu des enuis avec ma famille.”]

não se vê a quais elementos do contexto o pronome [*vous*] [*vocês*] de

“vocês querem me empurrar” [“vous voulez me pousser”]

ou

“vocês todos chorarão” [“vous pleurerez tous”]

assim como o pronome *on* [a gente] em

“senão a gente o tranca” [“sinon on l’enferme”]

e os termos *ils* [eles] ou *eux* em

“diante deles, é melhor não lhes dizer, eles se excitariam” [“devant eux il vaut mieux pas leur dire, ils s’exciteraient”]

poderiam ser identificados.

É interessante observar a propósito do *on* [a gente], o valor de enunciação-eco do enunciado “sinon on l’enferme” [senão a gente o tranca]: o enunciador dá sua asserção como a imitação, o eco, a retomada de enunciações anteriores dessa mesma proposição. De modo que o locutor do enunciado é também o enunciador dele, isto é, o assume pessoalmente, mas não o faz senão em se ocultando atrás de um outro enunciador, *a gente*, que é a verdadeira garantia do enunciado. Sob o pronome *on* [a gente] esconde-se a opinião de um outro que representa a instância de um julgamento emitido por uma autoridade, espécie de agente fiscalizador, instância suscetível de validar e de legitimar

uma proposição; esse *a gente* constitui portanto o suporte da autoridade que funda a verdade do enunciado, suporte sobre o qual se rebate a fala de Frédéric, como que para buscar uma garantia para a validade de seu dizer.

Nos enunciados que mencionamos, constata-se que o tempo empregado está sempre próximo do presente. De onde o efeito de continuidade, de proximidade e de sobreposição dos planos de enunciação no interior do discurso: o presente afeta tanto o enunciador que fala em primeira pessoa quanto seus enunciados na terceira pessoa. Vale dizer que a fala de Frédéric, através do emprego da temporalidade, não chega a instaurar, ao menos neste lugar, uma diferenciação clara entre os locutores (*je/vous/il(s)/on*) [*eu/você/ele(a)/ a gente*] de seu próprio discurso, mas parece, ao contrário, indicar que os protagonistas do processo do enunciado participam de uma densidade temporal idêntica à que toca os protagonistas do processo de enunciação. Sem dúvida, a coincidência desses dois processos, conseqüentemente, a proximidade que ela implica para seus protagonistas é quebrada aqui e ali pela utilização do passado (“*j’ai eu des ennuis avec ma famille*”) [*eu tive problemas com minha família*] e do modo condicional (“... *ils s’exciteraient*”) [*eles se excitariam*], tempo que introduz a idéia de um distanciamento. Sem dúvida, também a densidade do presente comporta graus de proximidade e de distanciamento, conforme o presente é empregado pelo narrador na primeira ou na terceira pessoa: há mais distância entre o enunciador e seu enunciado em “*Senhor S., ele se diverte, ele faz o jogo* [*Monsieur S., il regole, il joue la combine*] do que em *eu sou um Druhaut... eu estou embaixo do puleiro*, [*je suis un Druhaut... je suis en bas du poulailler*]. Ainda que esta distância traga problema.

Seja como for, é o presente que domina⁵ e afeta, sem que haja ruptura, ou quase, o sujeito falante e o outro do qual ele fala. Daí a dificuldade de poder distinguir esses dois

⁵ O retorno incessante do presente nos confronta com uma das dimensões mais devastadoras da psicose. É o que revela a linguagem de numerosas crianças e adolescentes psicóticos, tomados no torno mortífero de uma mesmice do experimentado, engolido pela recitação monocórdica e interminável de um presente massivamente lá, repetido sem cessar, tempo dominante da escansão do sujeito, perigosamente próximo e dificilmente separado, tempo fixo que revela com horror o reino aterrorizante da coincidência, sintoma de um Eu em derrota, inabitável, desalojado. Em Frédéric, isso é menos pleno: tempo bastante diversificado, malgrado essa repetição, por vezes insistente, do presente. Convém, a propósito disso, reler as páginas que Heidegger consagra ao tema do Habitar e do Pensar. Em sua análise, Heidegger mostra que não há habitação possível a não ser sob a condição de manter-se em lugares acomodados por locais capazes de criar um espaço, ou seja, coisas do gênero de uma ponte. O espaço, com efeito, enquanto *spatium*, é um intervalo que, semelhante à imagem de uma ponte, reúne - em separando - o próximo e o distante -, permitindo assim fazer aparecer algo

pólos, e o risco maior que implica essa indistinção: se o Eu de Frédéric se alinha, em sua narrativa, sobre o tempo do discurso do outro, ou se o outro lhe inflige, como por um efeito de espelho, refletir um mesmo processo, não é o problema do emaranhado de vozes que é aqui colocado? Quem fala? Frédéric, ou outro que fala nele?

O estatuto de certos enunciados coloca particularmente em relevo o da ambigüidade fundamental. Esses enunciados, muito numerosos, são citações emprestadas ao discurso do outro, mas não aparecem nunca enquanto tais por aquele que os cita. Traços recobertos, ou jogo de pontuação do inconsciente do sujeito, eles não cessam de invadir o discurso, obrigando aquele que os enuncia a proferi-los como se fossem suas próprias palavras.

“Juge vérité... jouer le jeu, dire la vérité (...) Ici c’est le bordel, ça tourne pas rond (...) Je les regarde ceux qui ont l’araignée qui travaille (...) Un Druhault commande (...) Mais quand même il faut pas dépasser les limites, sinon on l’enferme... ils s’exciteraient”.

“Julgo verdade... jogar o jogo, dizer a verdade (...) Aqui é o bordel, não gira redondo (...). Eu os olho aqueles que têm a aranha que trabalha (...) Um Druhault comanda (...) Mas mesmo assim é preciso ultrapassar os limites, senão a gente o tranca... eles se excitariam”.

Todas essas proposições são fórmulas de citação. Por que? Porque elas possuem propriedades específicas que as impedem de ser consideradas como formas quaisquer de enunciados: estruturas breves e densas, que permitem memorizar o enunciado (como no caso do provérbio), proposições assertivas e autoritárias, excluindo toda discussão (nisso

que seja da ordem de uma localização, de um lugar, portanto, no sentido forte, uma localização habitável (cf. Heidegger, *Essais et Conférences*, traduzido do alemão por A. Préau, Paris, Gallimard, 1978, p. 170-193). Se, por analogia com a noção de acomodação de uma distância pelo local, consideramos que a habitação do homem repousa também sobre o princípio fundamental da temporalidade como instauradora de uma distância entre um antes e um depois, um passado e um futuro, parece então que a psicose pode ser situada sobre a versão de uma falha da temporalidade. O inabitável no coração do discurso de algumas crianças psicóticas se prenderia em parte ao fato de que, como explica Piera Aulagnier, a localização do futuro como termo de identificação correlativo de uma historicização do vivido fracassaria, a relação do Eu com uma temporalidade seria marcada pelo “desabamento de um tempo futuro que reduz o Eu a uma imagem de si mesmo, que se tentou qualificar de trespassado, mais que de passado” (P. Aulagnier, *La violence de l’interprétation*, Paris, Presses Universitaires de France, 1981 (1975), col. “Le fil rouge”, p.193).

comparáveis aos slogans), enunciados do tipo impessoal, fundado sobre a generalidade e a autoridade do *on [a gente]*.

A essas propriedades acrescenta-se um caráter que revela sua pertinência ao regime da citação. Traço relativo ao conteúdo que veiculam esses enunciados. Um tema idêntico se impõe, o da vigilância e o trancamento. Ora, a que pode estar associado esse tipo de linguagem senão ao discurso paterno? É ele, o pai, imbuído de sua lei, representante despótico da autoridade, que profere tais palavras ou que é causa delas;

“Moi, vous savez, dit le père, tous les jours avec Frédéric, je pratique un sondage. Rien ne m’échappe, je sais tout ce que peut faire Frédéric. On ne peut rien me cacher, je suis comme un serpent qui s’insinue partout (...) Je vais le mettre au poteau, Frédéric. Qu’est-ce qu’il vous a dit? Moi, je vais le faire parler (...) Vous devriez poser des radars comme pour les avions pour contrôler tous les enfants de l’hôpital, il faudrait placer un peu partout des sentinelles.”

“Eu, vocês sabem, diz o pai todos os dias a Frédéric, pratico uma sondagem. Nada me escapa, sei tudo o que pode fazer Frédéric. Não se pode esconder nada de mim, sou como uma serpente que se insinua por toda parte (...) Eu vou colocá-lo no mastro, Frédéric. Que é que ele lhe disse? Eu vou fazê-lo falar (...) Vocês deviam colocar radares como para os aviões para controlar todas as crianças do hospital, seria preciso colocar um pouco de sentinelas em todo lugar”.

Desse modo então, as propriedades específicas dos enunciados nos mostram que o discurso de Frédéric, em certos pontos, não é seu próprio discurso, mas uma citação da fala paterna. Tudo se passa como se fosse o filho que falasse, como se fosse ele o responsável pelos enunciados que emite, ainda que, em verdade, recobrando esse discurso, é um outro texto citado, não designado como tal, sem que o sujeito saiba, que ele fala e que é falado. Texto sem limites internos precisos, no qual o enunciado do Eu e o enunciado do Outro se encontram literalmente embaralhados, encaixados, impossíveis de diferenciar.

Mas há uma outra incidência que é importante ressaltar. Admitimos, a despeito da equivocidade das marcas citacionais, que o Eu de Frédéric manifestava, às vezes, o lugar de uma enunciação pessoal distinta do *il [ele]* ou do *on [a gente]* atribuíveis à citação

implícita do discurso paterno. Uma dificuldade surge: como interpretar o enunciado “*Je suis un Druhault*” [*Eu sou um Druhault*] (trata-se do nome próprio do pai de Frédéric, nome que modificamos um pouco)? O Eu designa aqui o locutor que enuncia, Frédéric, e a proposição asserida por este *je* [eu] é assumida por seu enunciador? Basta comparar este enunciado e a proposição que segue, “*Un Druhault commande*” [*um Druhault comanda*], percebe-se que os dois enunciados são da mesma natureza, que eles são tomados, ou fazem parte da citação do pai, em síntese que eles representam um fragmento desta citação. De modo que este *je* [eu] mascararia, nele, outro alguém, em seu lugar, que fala, um outro que se cita e não o sujeito que o enuncia.

Ocorre que, claro, é Frédéric quem fala, é ele quem desenvolve este texto. Mas não é o mesmo sujeito que o inscreve: isto fala nele, falam-no⁶. Ou seja, a fala de um outro, a do pai mas também - retornaremos a este problema - a sua própria, dolorosa, estranha, espécie de protesto do inconsciente, palavra que, rompendo o regime da alienação à citação do outro, aventuraria talvez o enunciado de uma autocitação.

⁶ Por trás do *eu* de Frédéric, é um outro quem fala e quem se faz ouvir alhures sob a forma do *il* (*ele*) ou do *on* (*nós*). Isto não impede que sua fala não seja atravessada pelo pólo do outro (como interlocutor). Não é o caso como em certos psicóticos cuja fala parece desligada, desarticulada do lugar do outro e tomada no delírio de um discurso autônomo do Outro. Testemunho disso por exemplo é esta entrevista com um adulto psicótico relatado por B. Rosenbaum e H. Sonne. Trata-se de uma narrativa no curso da qual a paciente fala praticamente sempre em primeira pessoa do plural, *nós* (cf. Bent Rosenbaum e Harly Sonne, “L’Analyse du texte psychotique”, em *Degrés*, 1980, p. c/3-c/4-c/5). Com relação ao *eu* desestabilizado de Frédéric, ao *il* (*ele*) ou ao *on* (*nós*) de citação do discurso do outro, esta narrativa curta-circuítada massivamente o *eu* do enunciador e vem instaurar em seu lugar um *nós* enigmático completamente excessivo. Produz-se então deslizamentos significativos na ordem da confiscação da palavra indo do “eu não falo com eles”, “nós não temos o direito de falar muito, além do mais”, à declaração seguinte “é um bando” que fala, fala em nome da paciente. Confiscação que vem igualmente se confirmar, de modo surpreendente, por um acento especial no discurso do sujeito, o caráter francamente neológico dos termos “*trisques*” e “*sviltés*” que se pode considerar como uma interrupção da significação comparável àquela de que nos fala Lacan a propósito da palavra “*galopiner*” (cf. Lacan, Séminaire III, *Les Psychoses*, Paris, Le Seuil, 1981, p. 42-43). É interessante notar que o problema da ambigüidade referencial do pronome *nós* intervém igualmente, com valores diferentes, em outras produções discursivas (notadamente, o discurso sindical, literário): “Se se faz o balanço das aquisições novas a partir de 10 de maio de 81, pode-se constatar que *nós* conseguimos, graças ao esforço de elaboração de reivindicações precisas, bem adaptadas que *nós* empreendemos após Brest...” (citado por Benoît Habert et Josette Lefevre, “*Nous*, em Edmond Maire e Henri Krasucki”, *Mots*, Le Nous Politique, n. 10, Março 1985). Eis o início de uma novela de Faulkner: “Eu não sei o que *nós* éramos. A parte Comyn, *nós* tínhamos primeiro sido americanos, mas, depois de três anos, sob nossas túnicas e nossas asas britânicas, com, por-aqui por-ali, um pedaço de fita, eu acredito muito que, durante três anos, *nós não tínhamos mesmo tentado* nos perguntar o que *nós* éramos, pensar nisto, lembrarmo-*nos* disto” (Faulkner, *Ad Astra*, in *Treize histoires*, Paris, Gallimard, 1939, p. 51).

Possessão

No final de sua obra sobre a possessão de Loudun, Michel de Certeau observa, a respeito do estudo histórico da possessão, a ilusão na qual se apega o historiador, quando este “acredita ser liberado dessa estranheza interna à história instalando-a em alguma parte, fora dele, longe de nós, em um passado encerrado com o fim das “aberrações de antanho”, como se o fenômeno de possessão viesse somente “de uma lenda ou de um passado, de uma realidade eliminada”⁷. Gesto de recalque, trabalho de apagamento e de rasura que visa a “exorcizar” o outro, a rejeitar a presença de sua inquietante estranheza pela denegação da “alteridade ameaçante” que esta presença manifesta. Este exorcismo desdobrado contra a estranheza do outro, do qual é testemunha o discurso da historiografia, diria respeito, segundo o autor, às sociedades que Lévi-Strauss caracteriza como *anthropémie* (de *emein*, vomitar) opondo-as às sociedades antropofágicas: estas vêem na absorção de certos indivíduos, detentores de forças perigosas, o único meio de neutralizar e mesmo de as aproveitar; nossas sociedades, ao contrário, escolhem a solução inversa, que consiste em expulsar estes seres inquietantes para fora do corpo social, mantendo-os temporariamente, ou definitivamente, isolados.

Se fosse preciso, do ponto de vista da dicotomia introduzida por Lévi-Strauss e retomada por Michel de Certeau, no que diz respeito ao fenômeno da possessão, soletrar uma das escrituras da história que se tivesse nutrido, no mais alto ponto, de uma paixão pela questão do outro, o nome de Michelet viria imediatamente ao espírito. Michelet, através de sua *Sorcière* (Feiticeira)⁸, não-lo prova de modo surpreendente. Abarcando toda a extensão da Idade Média e do período clássico, Michelet revela uma das grandes esquecidas e “ausentes” da história. Aquela que, heroína de uma longa tragédia, ao

⁷ M. de Certeau, *La Possession de Loudun*, Paris, Gallimard/Julliard, col. “Archives”, n. 37, 1980, p. 327.

⁸ Esta observação vale para o conjunto do trabalho historiográfico de Michelet, trabalho que mistura indissociavelmente saber e experiência singular de escritura. Em particular sua *Histoire de France*, sobretudo os livros consagrados à Idade Média em que Michelet, mergulhando nas zonas da obscuridade e da noite que recobrem esta Idade Média, busca fazer ouvir e dar de novo voz à impossível fala dos silêncios e dos silenciosos da história, os excluídos, figuras do outro: o povo, a mulher, os demônios, as feiticeiras etc.. Mas não deixemos de sublinhar que é em torno do texto do outro como figura da Morte (texto em que se enuncia para o escritor a questão de seu ser), ensurdecendo o texto dos silêncios (da história), que se escreve, em Michelet, sua possibilidade de viver. De onde o processo extraordinariamente vivo de sua escritura: escritura-ficção, lugar de uma fantasmática, levada pelo imaginário dos corpos, em busca de um real como “ressurreição” do outro (cf. Michelet, *Histoire de France*, Oeuvres Complètes IV, editadas por P. Vialaneix, Paris, Flammarion, 1974, p. 12, 17 e 26).

mesmo tempo venerada e sempre perseguida, participa, segundo ele, da essência da mulher e encarna as forças da natureza e seus segredos: a Feiticeira. Michelet lhe empresta sua voz, e, com paixão, reabilita esta mal amada.

Esse livro, que se assemelha à História e ao Romance, dá à possessão e ao estado de Feiticeira uma explicação de ordem social e psicológica. O que, fundamentalmente, explica o aparecimento das grandes epidemias “demoníacas” da feitiçaria é o excesso de miséria - unida às perseguições da Igreja - e o desespero da mulher cuja dor transforma em horror frenético, em palavra assombrada, enlouquecida, e a torna, ela que não é nada, esmagada de todos os lados, possuída, enfeitada, presa do Diabo. Michelet insiste sobre esses dois fatores, misérias materiais, desespero moral, como causas do horrível estado da Feiticeira e acrescenta - no que diz respeito a um fato notável da situação “de alienação” da Feiticeira, fato representado no grande teatro da Feitiçaria, a encenação dos pactos - que essa manifestação “diabólica” não é pensável senão porque para as atrocidades do tempo era preciso o veneno como único remédio: “para que a vontade venha a este extremo terrível de se vender para a eternidade, é preciso que ela tenha se desesperado (...). Foi preciso que o inferno mesmo parecesse um abrigo, um asilo, contra o inferno daqui de baixo”⁹.

O que é, exatamente, este inferno, oficina de reparação contra as calamidades do inferno terrestre, verdadeiro *pharmakon*, antídoto e veneno, no qual se debate a Feiticeira? É o poder confiado à estranheza de uma fala, fala excitante e “demoníaca” que expõe o texto a uma possessão, encenação barroca do estranho, signo de incursão e de expulsão de uma exasperação das tensões, espaço de agitação e de desencadeamento no qual a mulher encontra refúgio para dizer o intolerável que ela experimenta e fazer ouvir, nela, a presença de um outro que a assombra. Nesta irrupção, inquietante, primeiro insidiosa, depois absolutamente soberana, triunfante, aniquilante, que ela recebe e à qual nada poderá subtrair, se une o drama da possessão. Drama no centro do qual está o corpo. Elas o “dizem” todas: a imensa presença, rancorosa, que vem, em torno delas, se insinuando no fundo da voz, nos olhos, na pele, sob formas variadas (gritárias noturnas, ruídos diabólicos, visões hediondas, etc.), se instalar, atormentá-las, persegui-las, não deixá-las mais. Michelet, a propósito de freiras possuídas, escreve: “estranha

⁹ Michelet, *La Socière*. Paris, “Garnier-Flammarion” n. 83, 1982, p. 78 (nota 1).

mortificação! Freiras, bem confessas, a hóstia na boca, confessam que, nesse mesmo momento, elas ressentem o infernal amante, que, sem vergonha, nem medo, as perturba e não as deixa fugir¹⁰. Combate perigoso, que expõe a pessoa física da “possuída” aos ataques mortíferos do outro. Prova de força incontornável. Indizível suplício. Inefável gozo.

Poderíamos, entre possessão e psicose, à luz de nossa leitura do texto de Michelet, sublinhar um ponto de contato possível. Trata-se da intervenção inquietante que perturba o espaço físico do sujeito, da estranheza que produz sua presença ao nível da experiência corporal.

Em Frédéric, a sede desta estranheza é a voz¹¹. Voz plural, dando a impressão de ser emitida por vários locutores, e cujo ritmo e intensidade imprimem, no percurso de sua pulsionalidade, o signo fundamental de uma instabilidade, de uma divisão, e de um fracionamento. Como se nada permitisse solidamente assegurar-lhe a manutenção nem pudesse fixá-la com duração. Cifra de uma angústia extrema que não cessa de envenenar a língua, de confundi-la.

Em que momento a voz se transforma? Mais freqüentemente quando o locutor profere formulas citacionais. Nesse momento, Frédéric muda de voz (esta modificação, que afeta todo locutor quando cita as proposições de um outro, revela aqui um caráter totalmente singular), o débito fica mais rápido, muito mais precipitado, apondo à fala o selo de uma estranheza manifesta. Não é por acaso que esta modificação intervém no nível da citação, no momento mesmo em que o locutor, apersar de si mesmo, cita e é falado por um outro. Nesta viragem (pode-se ouvir aqui os dois sentidos do termo: como brusca mudança de direção e no sentido químico como reação de um corpo) inesperado da voz, é toda a fragilidade do estatuto do sujeito que se acha aí indicada: a impossibilidade de guardar até o fim sua própria fala, portanto ceder, sob o peso de uma força estranha (interna), seu

¹⁰ Michelet, *Ibid.*, p. 159.

¹¹ É também na vertente do olhar como correlativo de um eclipse do sentimento da realidade que o corpo da criança psicótica mostra esta irrupção alterante do outro... É claro que essa perturbação que toca o espaço físico da pessoa é antes de tudo a expressão de um conflito no interior do espaço psíquico do sujeito. Sobre este ponto, nos reportamos ao comentário de Freud a propósito de seu famoso episódio sobre a Acrópole, comentário tanto mais interessante quanto mostra a relação estreita entre a perturbação “de alienação” e de “despersonalização” sobrevinda em sua vida na ocasião dessa viagem a Atenas e o conflito com a imagem paterna (cf. Freud, “Un trouble de mémoire sur l’Acrópole” (carta a Romain Rolland) em *Résultats, idées, problèmes*, II, traduzido por M. Robert, Paris, Presses Universitaires de France, 1987, p. 221-230).

lugar de enunciador e desaparecer (voto de morte, mimético, sujeição?) sob o discurso do outro. Esta inflexão da voz não incide somente sobre enunciações-eco que redobram o discurso do pai. Se a vê surgir em citações-apelo, como por exemplo “*eu estou em baixo do galinheiro*” [“*Moi je suis en bas du poulailler*”], ali onde aparece o gesto de um protesto do inconsciente.

Encarando a possessão como o surgimento de um “fora-do-texto”, e precisando por outro lado duas funções constitutivas do discurso da possuída: a função de limite representada por este discurso, e sua instabilidade, Michel de Certeau nos permite aclarar outras reaproximações entre possessão e psicose. O que nos interessa, através dessas duas funções, é que elas colocam em relevo o movimento de uma alteração e de uma transgressão no próprio discurso: “Esta situação (...) se reproduz em uma série de casos onde a alteração é, no discurso, a figura móvel, esvanescente e ressurgente, da *transgressão* do discurso. Minha questão aqui é a natureza desta fala *interditada pelo discurso* e que volta no discurso, ou, se quiserem, entre-dito pela alteração do mesmo discurso (...). O tipo de manifestação é o mesmo, redutível à relação que uma travessia alterante entretém com uma ordem semântica, ou à relação de uma enunciação com um sistema de enunciados. Esta relação pode se apresentar sobre um modo místico ou diabólico, ou em termos de loucura”¹². Se a experiência de uma “possessão” pode ser reconhecida no interior do discurso psicótico, é justamente na medida em que este faz intervir a presença alterante do outro. Que seja através da inflexão particular da voz, fenômeno que se poderia comparar ao *modus loquandi* que se caracteriza pelo que os teóricos do século XVII do discurso teológico chamam de “frases místicas”, ou de “maneiras de falar”, ou seja, a operação de uma “prática elocutória” e de um tratamento da linguagem que traça, no discurso constituído, uma alteridade”¹³, ou ao nível da relação de singularidade de uma enunciação com seus enunciados (“fim de citação”). Do mesmo modo, no que concerne à insistência do retorno alterante na fala de possessão do psicótico, pensamos que se marca aí o princípio de uma transgressão. É, sem dúvida, sobre o plano de uma “aparição” plural do outro, através de uma fala dividida entre o aqui vivido como perigo de morte e o alhures como refúgio e possível ressurreição, entre

¹² Michel de Certeau, *L'écriture de l'histoire*, Paris, Gallimard, “Bibliothèque des Histoires”, 1975, p. 254.

¹³ Michel de Certeau, *Ibid.*, p. 255.

assujeitamento e revolta, enquanto pulsação do inconsciente, entre-dito de sua enunciação, que se situa o trabalho de transgressão do discurso da criança psicótica.

Não é surpreendente se o autor de *A escrita da história* encontra um pouco mais longe, por relação à questão do outro, o problema da citação. Como a citação se coloca no seio do saber, em particular o saber etnográfico e o discurso historiográfico, como instância de anexação e de dominação que busca esvaziar a singularidade da “fala” citada de sua estranheza sem jamais entretanto atingi-la, o citador não podendo recobrir totalmente a alteridade daquele ou daquela que é citado: “eu queria sublinhar a generalidade da questão aberta pelo *retorno do outro no discurso que o interdita*. Esta “aparição” pode tomar uma forma atenuada, quase subreptícia. A alteração do discurso pela fala à qual ele se substitui pode, no limite, ter a figura de uma discreta ambivalência dos procedimentos “repressivos”. Tal é, por exemplo, o caso da *citação*. Assim, nos textos etnográficos e narrativas de viagem, o selvagem é juridicamente e literalmente *citado* (como o possuído) pelo discurso que se coloca em seu lugar para dizer deste ignorante o que ele não sabe de si mesmo (...). Entendo “citação” no sentido literário, mas se pode entender também citação diante de um tribunal. É uma técnica literária de processo e de julgamento, que assenta o discurso em uma posição de saber de onde ele pode dizer o outro. Entretanto, algo de diferente retorna nesse discurso com a citação do outro: permanece ambivalente; ela mantém o perigo de uma estranheza que altera o saber tradutor ou comentador. A citação é para o discurso a ameaça e a suspensão de um *lapsus*”¹⁴. O interesse dessa passagem reside para nós nos cruzamentos que ele autoriza com a problemática do psicótico. Mas com uma condição: situar a citação não sobre o plano de uma relação de exterioridade entre a fala citada (aqui a do selvagem) e o saber externo que a cita e lhe interdita a alteridade, mas sobre o plano de uma relação interna com o sujeito que a fala, como é o caso em Frédéric. Quando esta criança fala, circula nela uma fala de interdição, que a interdita como sujeito. É assim com as proposições assertivas e autoritárias que ela enuncia como se fosse o autor ainda que esses enunciados sejam citações do pai. A segunda manifestação da “aparição” do outro em seu discurso concerne à fala interdita (pelo pai) e que, por instantes, Frédéric reivindica. Sendo dado que não se sabe verdadeiramente quem fala, o que faz retorno designa tanto a

¹⁴ Michel de Certeau, *Ibid.*, p. 255 e 256.

voz do perseguidor quanto uma reivindicação própria ao desejo da criança. Daí a ambivalência que resulta: desde que Frédéric (as vozes plurais e antagonistas que falam nele) faz surgir o outro sob os aspectos do mesmo (discurso autoritário e de interdição castradora), é uma enunciação pessoal, fazendo transgressão, que se segue. Tal é a dialética da apropriação-expropriação na qual se agita, causada pelo choque da voz do citador e daquela que é citada, o outro “aparição” da identidade psicótica.

Outro aspecto evocado por Michel de Certeau é a citação no sentido jurídico, como técnica de processo e de julgamento. Esta técnica foi amplamente praticada pelos diferentes poderes que se mobilizaram para reprimir a fala dos possuídos: o discurso do médico, do juiz, do exorcista. A fala da possuída, enquanto é citada pelo saber que a exprime nos documentos em que se acha consignada, não aparece jamais para ela mesma, mas é sempre tomada em uma seteira de interrogações que reúne questões (do juiz, do médico) e resposta (da possuída).

A citação do psicótico se inscreve também no quadro de um processo judiciário. Ela é citação diante de um tribunal, com tudo o que isso comporta de método “repressivo”. O sujeito é aí colocado em questão e deve sofrer muitos interrogatórios. Em Frédéric, a diferença está em que é ele quem submete sua fala a um interrogatório. Em verdade, é ele que a introduz, mas enquanto ele se relaciona com algum outro que o obriga e cuja presença, no interior de seu discurso, não cessa de atormentá-lo e de persegui-lo. Este outro, figura persecutória, torna-se então o teatro de um processo que contamina a língua do sujeito. Trata-se de um verdadeiro processo-verbal, no sentido de processo-verbal de inquisição, documento sobre o qual são registradas as questões do acusador e as respostas do acusado, e no sentido literal de processo, entendido como combate, que libera a própria palavra. Se se examina certas proposições, percebe-se que, através do choque violento de vozes, desdobra-se toda uma rede serrada de questões e de respostas. Certamente o par questão-resposta não opera explicitamente como tal. As questões propriamente ditas não figuram aí. Não estão presentes senão enunciados-resposta dirigidos a um interlocutor, aquele que, representando um locutor ausente, representa o papel de inquiridor junto ao menino e o obriga a responder as questões.

Quem coloca questões nesta inquisição “travestida”, em que os enunciados não advêm senão como respostas a questões pressupostas, questões sob a influência das quais o sujeito se

vê terrivelmente ameaçado, torturado? Quem fala através desse outro não visível? Provavelmente, em parte, trata-se da voz do pai. É ele que detém o discurso e formula questões as quais, aliás, na fala de Frédéric, o próprio Frédéric responde. Mas nem tudo é tão simples. Se o outro perseguidor se mistura à voz do sujeito e o desaloja de sua fala, aqui e ali intervêm enunciados de um gênero diferente (“*eu tive problemas com minha família. Meu pai não quer falar disso*”), espécie de resposta de protesto a questões que não seriam mais formuladas pelo despostismo paterno, mas pelo menino.

Seja como for, mesmo se ele se apresenta sob a forma embaralhada de enunciados fragmentados e dispersos, é a um “documento” que reúne questões-respostas, comparável ao interrogatório redigido sobre um processo-verbal, que somos confrontados. E é possível que “fim de citação”, que faz par com os depoimentos misturados contidos nesse processo-verbal, figuraria aqui como sua assinatura alterada.

Uma última observação a propósito da possessão. Ela diz respeito à deriva lingüística da possuída. Lembrando a proposição rimbaudiana “Eu é um outro”, marca por excelência da fala do possuído, Michel de Certeau explica como, através do exemplo de Joana dos Anjos, o discurso da possuída faz constantemente distinção por relação a uma denominação estável do nome próprio e se dá, pela série de identificações heterogêneas que produz, como uma linguagem afetada por um *Eu* absolutamente indeterminado, que escapa a toda fixidez denominadora (ali onde o exorcista queria fixar a possuída, pela confissão de um nome próprio), *Eu* disperso e disseminado, deslizando de casa em casa sobre o tabuleiro dos nomes próprios do discurso demonológico: “Eu sou Asmodeu”, “Eu sou Isaac”, “Eu sou Leviatã”, etc..

O regime de dispersão dos lugares que revela a língua do psicótico não deixa de ter relação com este tabuleiro de nomes próprios sobre o qual se desloca e deriva a possuída. Se consideramos a deriva lingüística a partir do jogo embaralhado tal como advém na heterogeneidade da relação de uma enunciação com seus enunciados, então podemos ler a instabilidade dos lugares do sujeito, que testemunha Frédéric, entre seus enunciados, como equivalente possível da trajetória da possuída sobre o tabuleiro de nomes próprios.

Para lá dessas trajetórias e de seu mecanismo comum, que dispersam o sujeito em uma rede de vozes enlouquecidas, o que finalmente assinala a pertença da psicose ao domínio da possessão não é outra coisa senão a ameaça sempre real do esvanecimento do locutor e de um desapossamento da linguagem.

“Fim de citação”: o acesso do sujeito à sua própria palavra

O psicótico arrisca-se a todo momento a ser tragado pela figura do outro, de ceder e se ver confiscar seu pensamento, de desaparecer, falta de se tomar como o autor suposto de seu próprio discurso e de ter assentos mínimos em sua identidade.

Mas sua tentativa de querer se livrar desta alienação não existe menos verdadeiramente.

É talvez isto, no fim das contas, que sugere o enigmático “fim de citação” de Frédéric. Não para se engolfar aí, mas para reter-lhe a queda, esquivar-se. Esboçar o gesto mudo de uma parada, de um silêncio. Acesso, ainda não nomeado, a um devir do sujeito que não será mais, talvez, tão abismante e desapropriante. Algo como uma possibilidade de ser entreaberta pela palavra no seio de uma morada, conveniente e habitável por ela mesma, como um direito de cidadão (citar), que lhe seria enfim concedido e que poderia significar, após este “fim de citação”, a emergência de uma fala pessoal, nova, menos alienada, retirada da dominação da citação, momento de fim de citação, após o que o sujeito, de fato, começaria a falar.

Tradução: Pedro de Souza

Résumé

Cet article discute le statut particulier de l'hétérogénéité énonciative dans le discours du psychotique. On part du pressupposé que, dans la parole du psychotique, et par extension dans celle de tout sujet parlant, on ne sait pas qui est sûrement l'auteur de l'énonciation. En étudiant un cas singulier de registre de l'expression “fin de citation” à la fin de toutes les narratives orales d'un petit garçon de douze ans, l'auteur essaye d'esquisser certaines modalités spécifiques de dédoublement du sujet de l'énonciation, et aussi la façon complexe dont la présence de l'a(A)utre est montrée dans le discours du psychotique.